

A ESFINGE PEJADA DE MISTÉRIOS - travessias e travessuras de Judas -

Salma Ferraz¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo central analisar a possível biografia do controvertido personagem bíblico Judas Iscariotes e sua transição para o texto ficcional, especificamente *Três versões de Judas* de Jorge Luis Borges e *O Acordo* de Julio de Queiroz.

Palavras-chave: Teologia, Literatura, Judas Iscariotes, Jorge Luiz Borges, Julio de Queiroz.

ABSTRACT: The present article has the main topic to analyse a possible biography of the controversial biblical character Judas Iscariot and its transcription to the fictional text, specifically *Three versions of Judas* by Jorge Luis Borges and *The Agreement* by Julio de Queiroz.

Key words: Theology, Literature, Judas Iscariot, Jorge Luiz Borges, Julio de Queiroz

[...] pois tu sacrificarás o homem que veste a mim. Vê, a atua
estrela é que agora ilumina o caminho.
O Evangelho de Judas.

Quando falamos em Teopoética – os estudos comparados entre Teologia e Literatura, podemos pensar que se trata de estudos pertinentes somente à personagem Deus. Mas o discurso crítico-literário, a reflexão teológica e literária deste ramo de estudos é extensivo a toda a Bíblia – *Velho e Novo Testamentos* e a todos os personagens bíblicos. Em outra oportunidade já analisamos o trânsito da Madalena bíblica² para a Literatura e neste artigo mapearemos alguns aspectos da travessia do Judas bíblico - um dos mais polêmicos e famosos personagens da história do Cristianismo e do Ocidente e o responsável por trair Jesus - para o Judas literário e, principalmente, o Judas concebido por Julio de Queiroz em seu conto O Acordo do livro *Perfume de Eternidade*. Parece-nos que o Novo Testamento criou grandes arquétipos de personagens vilões: Satanás/Diabo/Besta do Apocalipse - o grande tentador e inimigo do Filho de Deus, Madalena – a meretriz arrependida (profissão que ela efetivamente jamais exerceu) e Judas - o grande traidor de todos os tempos.

¹ Professora Adjunta de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina. Atua na Pós Graduação com a linha de Pesquisa *Teopoética – Os Estudos Comparados entre Teologia e Literatura*. É coordenadora do **NUTEL – Núcleo de Estudos comparados entre Teologia e Literatura** com sede na UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil, 2006. Email: salmaferraz@brturbo.com.br.

² Maria Madalena – a discípula amada. In: *Anais do II Simpósio Internacional sobre Religiões, Religiosidades e Culturas*, Dourados, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), 23 a 26 de Abril de 2006.

Sendo a Bíblia – composta pela antologia de livros do judaísmo (*Velho Testamento*) e de uma antologia de livros do cristianismo primitivo (*Novo Testamento*) - o maior *best-sellers* de todos os tempos e uma obra clássica da literatura mundial, imprescindível para o conhecimento do cristianismo, da Literatura Ocidental e da cultural do Ocidente, é natural que muitos de seus personagens migrem para as páginas de grandes romances do Ocidente. Harold Bloom em *Jesus e Javé – os nomes divinos* afirma que o melhor do cristianismo foi a literatura criada a partir dele. O cristianismo é tão importante para o mundo ocidental que quase chega a confundir-se com ele e eis aqui o motivo porque mesmo sendo atéia uma pessoa nascida no Ocidente está imersa numa cultura cristã e, certamente conhecerá personagens como Deus, Diabo, Madalena, Judas e tantos outros mais. No Brasil, país predominantemente católico, certas expressões relativas a este vilão bíblico são muito comuns, como por exemplo – *aquele sujeito é um Judas, lá onde o Judas perdeu as botas, malhar o Judas*. Sem exagero podemos afirmar que Judas é quase um virtual membro “bastardo” da cultura brasileira.

Ninguém quer ser chamado de Judas, sinônimo de traição. Na Alemanha o uso do nome Judas é proibido. No Brasil, durante a Páscoa, no sábado de Aleluia, é comum a malhação de um boneco que simboliza o Judas que traiu Jesus durante outra Páscoa ocorrida há dois mil anos. A malhação do Judas é uma verdadeira catarse dos jovens, crianças e adultos, uma vez que o Judas malhado ganha o rosto de políticos que traíram a pátria.

O *Dicionário Aurélio* traz as seguintes definições para Judas - personagem do Novo Testamento: 1) *Amigo falso; traidor*; 2) *Boneco ou estafermo que se costuma queimar no sábado de aleluia*; 3) *Indivíduo mal trajado*. A acepção de traidor também está presente nos dicionários de espanhol, francês, inglês, alemão e italiano.

Recorramos à Bíblia para recordar os principais detalhes da saga de Judas. Ele é mencionado 15 vezes nos *Evangelhos Canônicos* e mais algumas nos *Atos dos Apóstolos*, mas nada se sabe de sua vida antes dele conhecer Jesus, afinal os *Evangelhos* são biografias de Jesus e não de Judas. No *Evangelho* de Mateus³ sua primeira aparição já é condenatória e ele já é apresentado como vilão. Ao narrar a escolha do doze apóstolos, Mateus no capítulo 10:4 informa o nome de Judas por último: “Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes⁴, que foi quem

³ Os historiadores acreditam que os *Evangelhos* de Marcos, Mateus, Lucas e João não foram escritos por eles, mas por membros das comunidades cristãs do primeiro século que resolveram compilar as narrativas orais existentes.

⁴ Iscariotes provavelmente indicava seu lugar de nascimento - Cariotes ou Kerioth. Esta vila nunca foi localizada, mas deveria ficar perto de Hebron, no sul da Judéia, e distante uns 5 dias de viagem da Galiléia.

o traiu.” Trata-se de um relato por ulterioridade, o evangelista já sabe o futuro quando começa a narrar. Em Mateus 26: 14 temos o episódio do *pacto da traição*:

Então, um dos doze, chamado Judas Iscariotes, indo ter com os principais sacerdotes, propôs:

Que me querei dar, e eu vo-lo entregarei? E pagaram-lhe trinta moedas de prata. E, deste momento em diante, buscava ele uma boa ocasião para o entregar.

De um grupo maior de setenta pessoas que seguiam a Jesus, foram escolhidos doze homens a quem Jesus chamou de *Apóstolos*, (*mensageiro* em grego) e Judas estava entre estes doze. A saga continua e Mateus narra agora a última ceia, na qual Jesus está reunido com todos seus discípulos quando pronuncia estas palavras fatídicas:

E, enquanto comiam, declarou Jesus: em verdade vos digo **que um dentre vós me trairá**.

E eles, muitíssimo contristados, começaram um por um a perguntar-lhe: Porventura, sou eu, Senhor?

E ele respondeu: O que mete comigo a mão no prato, esse me trairá.

O Filho do Homem vai, como está escrito a seu respeito, **mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído! Melhor que fora não haver nascido!**

Então Judas, que o traía, perguntou: **Acaso, sou eu, Mestre? Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste.** (Mateus 26: 21-25, negrito nosso)

Não sabemos ao certo porque Jesus levantou esta polêmica na última ceia. Anteriormente a este fato, por três vezes, Jesus havia dito que seria morto. Alguns teólogos defendem a idéia de que alguém deveria trair Jesus, não especificamente Judas e talvez e que Jesus tenha dito a frase *um dentre vós me trairá* para dar a oportunidade para que Judas se arrependesse, o que, efetivamente, não ocorreu. Teríamos que entrar aqui em dois conceitos teológicos complicados, porque não são racionais: Livre Arbítrio e Predestinação. Explicando o caso em questão, aliás, bastante polêmico: Judas traiu a Jesus porque quis, já que era dotado de livre arbítrio, mas Jesus, filho de Deus e Onisciente como Deus, já sabia que era ele que o trairia, embora esta Sua onisciência não fosse causativa. Ou se aceita estes conceitos somente pela fé ou achamos isto um completo absurdo.

A partir deste momento, qualquer referência ao décimo segundo apóstolo virá acompanhada do adjetivo *traidor*. Analisemos o momento crucial desta tragédia, quando Judas entrega Jesus no jardim do Getsêmani. O evangelista Mateus continua seu relato:

- Levantai-vos, vamos! Eis que o **traidor** se aproxima.

Falava ele ainda, e eis que chegou Judas, um dos doze, e com ele, grande turba com espadas e porretes, vinda da parte dos principais sacerdotes e dos anciãos do povo.

Ora, **o traidor** lhes tinha dado este sinal: Aquele a quem eu beijar, é esse; prendei-o.

E logo, aproximando-se de Jesus, lhe disse: **Salve, Mestre e o beijou.**

Jesus, porém, lhe disse: **Amigo**, para que vieste? Nisto, aproximando-se eles, deitaram as mãos em Jesus e o prenderam. (São Mateus 26: 46- 50, negrito nosso)

Observamos na citação acima que Jesus tinha plena onisciência que Judas era o traidor e se refere a este discípulo como *traidor* pela segunda vez, antes de Judas efetivamente o trair. O beijo, símbolo de fraternidade, respeito e de honra entre os seguidores de Jesus, passa a simbolizar o beijo traiçoeiro. Logo em seguida o narrador do *Evangelho* se refere a ele também como *traidor* e informa qual foi o fim dramático de Judas:

Então, Judas, **o que o traiu**, vendo que Jesus fora condenado, **tocado de remorso**, devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos, dizendo:
- Pequei, traindo sangue inocente. Eles, porém, responderam: Que nos importa? Isso é contigo.

Então Judas, atirando para o santuário as moedas de pratas, retirou-se e foi **enforcar-se**. (São Mateus 27:3-5, negrito nosso)

Eis aqui um enredo com todos os componentes de uma tragédia grega: amizade, pacto, ceia, traição, suborno, remorso, morte e suicídio. Por narrativas como esta da biografia de Judas é que a Bíblia é a matriz das grandes estórias da Literatura Ocidental. Voltando à análise do episódio da traição, observamos que os principais sacerdotes recolhem as trinta moedas – exatamente o preço de um escravo na época - e chegam à conclusão que não era lícito lançá-las no cofre das ofertas do Templo, porque simbolizavam o preço do sangue. Com aquelas moedas malditas, compraram um campo para ser usado como cemitério de forasteiros e denominaram aquele campo de *Campo de Sangue*. Ressaltamos que na narrativa de Mateus aparece a palavra *remorso*, porque Judas se conscientiza de que entregou um homem justo. O *Evangelho* de Lucas no capítulo 22:3 traz o seguinte relato: “Ora, Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes, que era um dos doze [...].” Analisando o texto, podemos inferir daqui que Judas é inocente já que estava dominado por Satanás e por tanto não era dono de seus atos. No *Evangelho de Marcos*, escrito em 65. d.C., Judas é o responsável pela traição, mas a recompensa é oferecida pelos sacerdotes e não é Judas quem põe preço na traição.

Cabe acrescentar outro detalhe da biografia bíblica de Judas Iscariotes. Ele exercia a profissão de tesoureiro, já que Jesus e seus discípulos viviam uma vida itinerante e dependiam de doações. O décimo segundo Apóstolo de Jesus era tesoureiro, afinal, alguém precisava cuidar do dinheiro que era arrecadado entre as pessoas abastadas da época do surgimento do cristianismo. Por ocasião da unção de Jesus por uma mulher que quebrou um

caríssimo vaso de perfume, Judas não gostou deste desperdício e, neste ponto, o evangelista João, que no episódio da traição também fala em possessão demoníaca, informa que: “Isto disse ele, não porque tivesse cuidado dos pobres, **mas porque era ladrão** e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava.” (João 12:6, negrito nosso). O fato de ser tesoureiro poderia indicar tanto que era uma pessoa de confiança como poderia sugerir que era avarento. Mas o evangelista João não deixa dúvidas: tomava conta da bolsa e era ladrão, ou seja, “desviava” dinheiro sagrado para o seu *caixa dois*, tinha sua mala particular e isto não era segredo para ninguém: era público e notório. Agora sim sua biografia está completa: ladrão, corrupto, traidor e suicida.

O *Evangelho de Mateus* foi escrito em torno do ano 80 da Era Cristã, provavelmente, em aramaico e depois vertido para o grego. Mas nos *Atos dos Apóstolos*, cuja autoria é atribuída ao evangelista Lucas, redigido em torno do ano 80, durante a narrativa da escolha do discípulo Matias que substituiu Judas, temos literalmente um parêntesis de oito linhas, um breve resumo da trajetória do traidor:

(Ora, este homem adquiriu um campo como o preço da iniqüidade; e, **precipitando-se, rompeu-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram;**
e isto chegou ao conhecimento de todos os habitantes de Jerusalém, de maneira que em sua própria língua este campo era chamado de Aceldama, isto é, **Campo de Sangue**).
Porque está escrito no livro de Salmos: Fique deserta a sua morada; e não haja quem nela habite.
Tome outro o seu lugar. (*Atos dos Apóstolos* 1:18-20, negrito nosso)

Em *Atos dos Apóstolos*, no meio de um parêntesis, um resumo do fim de Judas o que revela total desprezo por sua atuação. Mas aqui há quatro fatos diferentes da narrativa de Mateus: Judas não devolve as moedas no Templo; 2) com estas moedas adquire o campo; 3) não se fala explicitamente de suicídio, muito menos de enforcamento. 4) suas vísceras/entranhas se partem pelo meio e se derramam.

Notamos que há muitas discrepâncias nas narrativas evangélicas sobre Judas. Citamos aqui Graig Evans, estudioso canadense da Bíblia:

Um dos Evangelhos afirma que Judas agiu por dinheiro, outro não cita motivações, dois falam em ação demoníaca. **Creio que essas versões tão distintas deixam claro que os escritores do Novo Testamento não sabiam exatamente quem era Judas Iscariotes.**⁵

⁵ Graig Evans. O Evangelho Segundo Judas. In: *Super Interessante*, p. 58-59, p. 60, negrito nosso.

Mas fica aqui uma indagação: todos os outros Apóstolos tiveram seguidores, e Judas? Se houve seguidores quem eram o que escreveram? Acreditavam realmente que Judas foi ladrão, traidor e suicida?

Em seu artigo sobre Judas – O Evangelho Segundo Judas, Ana Paula Chinelli levanta uma interessante pergunta que também já nos ocorreu: porque Pedro que negou a Cristo três vezes, jamais teve sua virtude colocada em dúvida e não entrou para história como traidor? A resposta “oficial” da Igreja é que Pedro se arrependeu e apelou para a misericórdia divina e Judas não se humilhou e tomado pelo desespero se suicidou. No mesmo artigo o historiador Chevitarese responde: “Pedro, chefe da Igreja em Roma, tinha de ser o herói. A Igreja elegeu Judas como vilão já que um dos 12 deveria trair.”⁶ O teólogo Fernando Altemeyer corrobora a idéia de Chevitarese ao afirmar que “a atitude do apóstolo traidor não foi muito pior que a de Pedro, que o negou três vezes, ou que a dos demais apóstolos, que o abandonaram. **Judas foi um mal necessário, um inocente útil.**”⁷ Luis Felipe Pondé, professor de Ciências da Religião, vai mais longe e afirma que “é elementar que Deus usasse os elementos que criou para fazer a Paixão de Cristo acontecer.”⁸ O cristianismo se construiu em cima dos grandes arquétipos do bem e do mal, de heróis e vilões e a Judas coube o papel de traidor do Filho de Deus.

Em outro conto do livro *Perfume de Eternidade*, Queiroz realiza um encontro entre Judas e Pedro para que os dois discutam suas culpas. O conto se intitula Encontro de Culpas e Pedro afirma “Vou viver com aquelas traições. Nunca poderei dormir sem que galos clarinem dentro do meu sono inquieto.” Queiroz iguala Pedro e Judas, ambos traidores, ambos culpados.

Não poderíamos deixar de citar a tese de John Dominic Crossan, professor de estudos bíblicos da DePaul University, de Chicago. Em seu livro *Quem Matou Jesus?*, Crossan afirma: “Minha suposição é de que Judas possa ter sido capturado entre os companheiros de Jesus, durante a ação no Templo, e em seguida contado quem tinha feito aquilo e onde se encontrava”. Ou seja, o beijo e as moedas entrariam bem depois no enredo. É o historiador Ademir Luiz quem, analisando a hipótese de Crossan, afirma que Judas

provavelmente, morreu mesmo enforcado. Afinal, na Antigüidade, o enforcamento era uma modalidade de execução pública muito usada. Se a sugestão de Crossan for correta, podemos supor que talvez os romanos tenham crucificado o criminoso

⁶ Apud Ana Paula Chinelli. O Evangelho Segundo Judas. In: *Super Interessante*, p. 62.

⁷ Apud O Evangelho Segundo Judas de Ivan Padilha & Marcelo Musa Cavallari. In: *Época*. São Paulo: Globo, Fevereiro de 2006, p. 65, negrito nosso.

⁸ Id. ibidem, p. 65.

principal e reservado pena mais branda — o enforcamento — para um prisioneiro cooperativo. Parece fazer sentido, uma vez que um estudo filológico sobre seu sobrenome compromete-o: Judas Iscariotes seria uma latinização do aramaico Judas Sicarus. Sicarius, algo como *portador do punhal*, era uma das formas de se chamar os integrantes dos zelotes, partido judeu de resistência aos romanos. Ou seja: nada de suicídio motivado pelo arrependimento. Judas também teria sido executado.⁹

Em 2006 o mundo cristão foi abalado pela descoberta de um manuscrito redigido em língua copta, datado do século IV, e que tinha permanecido escondido numa caixa dentro caverna El Minya no deserto Egito. Da autoria anônima de cristãos gnósticos, o documento foi escrito originalmente em grego por volta do ano 180 e traduzido para o copta entre 220 e 340. A tradução para o inglês foi supervisionada por Marvin Meyer, professor de Estudos Bíblicos e Cristãos na Chapman University, da Califórnia. Aliás, a própria descoberta do manuscrito é uma estória rocambolesca, foram 28 anos de peregrinação entre a descoberta do texto e a publicação oficial¹⁰. O chamado *Evangelho de Judas* possui treze folhas e foram necessários cinco anos para o trabalho de tradução, autenticação e restauração que se transformaram em vinte e seis páginas. Este texto vem juntar-se aos *Pergaminhos do Mar Morto* descoberto em 1947, que nos trouxeram textos antigos do *Velho Testamento* e aos *Manuscritos do Nag Hammadi*, descoberto em 1948 e que revelaram a existência dos *Evangelhos Apócrifos*, textos estes que mostram a existência de diversas versões, contradições e correntes diferentes dentro do cristianismo primitivo. Ou seja, muita coisa foi escrita nos primeiros séculos do cristianismo além dos *Evangelhos Canônicos*.

O bispo de Lyon, santo Irineu, justamente o bispo que teve atuação decisiva para que apenas os quatro *Evangelhos* entrassem na Bíblia¹¹, havia escrito um livro (5 volumes) em 180 d.C. denominado *Contra os Hereges* na qual citava nominalmente *O Evangelho de Judas* e o classifica de herético¹². Cumpre esclarecer que o livro de Santo Irineu já está publicado em português, em sua segunda edição pela editora Paulus, com o título *Contra as Heresias*. Irineu faleceu em 202, mas em 367, um fervoroso seguidor dele – bispo Atanásio de

⁹ Ademir Luiz Judas, que não teria traído Jesus Cristo, pode ter sido enforcado. In: Jornal Opção on line, Goiânia., 30 de Abril a 06 de Maio de 2006 - www.jornalopcao.com.br -

¹⁰ Consultar o artigo O Outro Judas de Pablo Nogueira In: *Revista Galileu*. São Paulo: Globo, p. 46-47.

¹¹ Sobre os critérios e motivações para a escolha de apenas 4 evangelhos oficiais consultar a reportagem citada acima. Elaine Pagels defende a tese de que se não fosse as idéias e o trabalho de Irineu e o posterior Concílio de Nicéia (que assentaram os fundamentos teológicos da Igreja), ou seja, se o cristianismo tivesse continuado com suas várias correntes e tendências, talvez tivesse simplesmente desaparecido da História.

¹² Neste documento Irineu deixa claro que não conhecia pessoalmente *O Evangelho de Judas*, mas que já tinha ouvido falar do que ele denomina de caininitas (defensores de Caim) que “defendiam Judas, o traidor, dizendo que ele é admirável e grande, **devido às vantagens que ajudou a conferir à humanidade**. Mas Deus preparou o fogo eterno para todo tipo de heresia”. Apud. O Outro Judas, p. 48, negrito nosso.

Alexandria - elaborou uma lista dos textos aceitáveis (quase todo o *Novo Testamento* conhecido) e exigiu que os monges do todo o Egito destruíssem as obras não incluídas ali. A sorte é que nem todos os monges foram obedientes a sua ordem e é por isto que *O Evangelho de Judas* chegou até nós. Aqui uma hipótese torna-se quase certeza: Judas teve seguidores e algum destes seguidores provavelmente de alguma comunidade gnóstica, que acreditavam que a salvação vinha pelo autoconhecimento - escreveu *O Evangelho de Judas*. Relatamos aqui duas constatações levantadas por Stephen Emmel, especialista em copta: “[...] ou Judas teve tempo de contar suas conversas com Cristo antes de se matar; ou não morreu tão cedo.” Mistérios...

Outra questão importante a ser levantada: o que teria acontecido se os textos gnósticos tivessem predominado sobre os demais correntes do cristianismo? Emmel, especulativamente, responde: “Nesse caso, talvez, Judas viesse a ser conhecido como o discípulo mais importante de Jesus... mas não foi isso que aconteceu.”¹³

E o que afinal traz de novo *O Evangelho de Judas*? Ele afirma que: 1) Judas foi o Apóstolo preferido de Jesus; 2) não houve traição, uma vez que ele atendeu a um pedido de Jesus e o entregou aos soldados romanos; 3) era um homem leal já que obedeceu a Jesus, mesmo sabendo que seu nome seria eternamente amaldiçoado; 4) ele foi o único Apóstolo a entender o significado dos ensinamentos de Jesus; 5) foi o responsável pela libertação do espírito de Jesus, ao permitir que, pela morte do corpo, o espírito de Jesus se libertasse; 6) não há relato de suicídio, nem de enforcamento, mas há a sugestão de que ele foi aceito nos reino dos céus por ter sido usado como instrumento para realizar os desígnios de Deus.

Citarmos aqui a passagem do *Evangelho de Judas* na qual Jesus diz a Judas: “Se afaste dos outros **e eu lhe concederei os mistérios do Reino**. Você pode entendê-los, mas vai sofrer por isso.”¹⁴ Portanto, este gnóstico revela que Judas era um iniciado e só ele tinha acesso aos mistério do reino de Deus - *gnosis*. Mais adiante Jesus fala que Judas “sacrificará o homem que me veste” e revela a missão principal de Judas: matar a parte física para livrar seu espírito daquele corpo¹⁵. Judas, leal, cumpre tudo como fora ordenado. Desta forma, neste *Evangelho*, ele é o melhor amigo de Jesus e cúmplice perfeito para execução de seus planos,

¹³ Emmel, Apud O Outro Judas, p. 54.

¹⁴ Ana Paula Chinelli. O Evangelho Segundo Judas. In: *Super Interessante*, p. 58-59, negrito nosso.

¹⁵ Os gnósticos acreditavam que a libertação do corpo acontecia quando se conhecia a parcela divina que cada ser tinha dentro de si, que a salvação vinha pelo autoconhecimento, que não precisavam freqüentar Igrejas e cultos, não precisavam de intercessores como padres e que a morte de Cristo o ajudou a libertar-se da prisão que era seu corpo. Para eles, Jesus era um enviado do Deus verdadeiro e bom, superior ao Deus falso e mau do *Antigo Testamento*. Eram influenciados pela filosofia grega e pelas idéias de Platão.

transformando-se de vilão em herói, modelo de obediência e amor. A Igreja, como sempre, negou sua aprovação ao texto e taxou o mesmo de produto de fantasia religiosa. A posição da Igreja é clara: quem trai é um Judas e ponto final.

Não mencionaremos a trajetória de Judas na pintura e no cinema o que demandaria outro estudo. Na literatura esta idéia não é nova. Muitos escritores tiveram Judas como protagonista e defenderam a idéia agiu sob ordens de Jesus, ajudando-o a selar seu destino na cruz.

E aqui surge uma curiosa e intrigante pergunta? Onde Dante teria colocado Judas em seu Inferno? Judas se encontra não somente no lugar mais profundo do inferno, como também na boca do próprio Lúcifer que o mastiga sem cessar. A última zona infernal - coberta de gelo - divide-se em quatro partes e hospeda os traidores (pecado considerado o mais grave, já que implica em malícia e inteligência aplicadas no engano para o mal de quem se conhece ou com quem se têm relações): 1) **Caina**, onde estão os traidores dos parentes; 2) **Antenora**, onde estão os traidores da pátria; 3) **Tolomea**, os traidores dos hóspedes e 4) **Giudecca**, os traidores dos benfeiteiros. Ao chegarem na última zona infernal, Dante e Virgílio se deparam com Lúcifer em pessoa. Lúcifer é gigantesco e com suas três caras engole os três traidores por antonomásia: Bruto e Cássio (traidores de César - o Império) são mastigados - os pés para dentro, os troncos para fora - pelas bocas laterais e Judas (traidor de Cristo - a Igreja) é mastigado - os pés para fora, o tronco todo para dentro - pela boca central do enorme demônio. Bruto, Cássio e Judas são castigados assim eternamente¹⁶.

Não poderíamos deixar de citar aqui o romance do canadense Nino Ricci, *Testament*, no qual apresenta uma narrativa de Judas e novela *Judas Iscariotes* do escritor russo Leonid Andreiev. Em português temos *Evangelho de Judas*, de Sílvio Fiorani, *Judas* de Aristides Ávila publicado em 1953 e *O Evangelho de Judas* de Roberto Prazzi publicado pela Editorial Presença, em 1992.

Andreiev é inclemente em sua descrição de Judas. Citamos aqui alguns adjetivos e termos retirados somente dos dois primeiros capítulos de sua novela *Judas Iscariotes* e que foram usados para caracterizá-lo: *escorpião que provoca escândalos, cobiçoso, pérfido, mentiroso, vagabundo, ruivo, peito largo peludo, mãos deformadas como um tentáculo*,

¹⁶ Conforme a especialista em Dante, Maria Teresa Arrigoni, no canto XXXIV (Divina Comédia, Inferno), Judas Iscariotis é citado literalmente:

"Quell'anima là sú c'ha maggior pena -
disse il maestro - è Giuda Scariotto..." (Inferno., XXXIV, 61-62).

caolho, voz acre e guinchada como uma velha harpa, implantava a discórdia, servil, irônico abjeto, astuto, hipócrita, mal-intencionado, cara feia, medroso, débil, enfermiço, desagradável, antipático, cachorro sarnento, monstro marinho, monstruosa fealdade. No plano geral seu enredo não desvia do enredo evangélico, mas Andreiev demoniza enfaticamente a figura do décimo segundo apóstolo, transformando-o num quasímodo, com tendências homossexuais.

É no caldo da cultura judaico-cristã que Jorge Luiz Borges foi buscar e ressuscitar Judas em seu conto intitulado Três versões de Judas incluído em seu livro *Ficções* publicado em 1940. Nunca é demais lembrar que o teológico é um dos temas preferidos de Borges.

Em se tratando de Borges devemos desconfiar de tudo, porque ele tem um célebre estilo de realizar falsificações eruditas, criar livros, autores, encyclopédias, e citações inexistentes. Desta forma o genial Borges inventa um teólogo - Nils Runeberg – seu alter ego, autor de um livro que nunca existiu, chamado *Kristus och Judas*. Agindo assim, Borges por meio deste teólogo e filósofo, pode elucubrar as mais hipotéticas versões para este personagem bíblico. Borges se fantasia de Runeberg, comanda-o como um títere, e assim se livra da acusação de heresia. Neste conto, Borges analisa três versões oferecidas por dois supostos escritores para o personagem Judas (duas versões por Runeberg e uma por De Quincey). Borges cria um protagonista - Nils Runeberg que teria publicado em 1904 a primeira edição de *Kristus och Judas*, livro que, assim como seu autor jamais existiu. Analisando a fictícia obra de Runeberg, Borges esclarece que a primeira epígrafe do livro afirma que “Não uma coisa, todas as coisas que a tradição atribui a Judas Iscariotes são falsas.”¹⁷ Esta epígrafe pertenceria a De Quincey que teria escrito isto em 1857.

Genialmente Borges atribui a epígrafe do fictício livro e do fictício autor a Thomas de Quincey (1785-1859), escritor britânico que em sua obra *Confissões de um comedor de ópio*, narra suas experiências com o ópio. Ao escolher um opiómano, Borges poderia colocar em sua boca qualquer epígrafe, ter dito o que quisesse e que ninguém ligaria.

Borges relata a posição especulativa de Quincey (Borges, ele mesmo): “De Quincey **especulou que Judas entregou Jesus Cristo para forçá-lo a declarar sua divindade** e a deflagrar uma vasta rebelião contra o jugo de Roma.”¹⁸ Portanto a primeira versão de Judas pertence a Quincey/Borges que absolve Judas.

¹⁷ Três versões de Judas, p. 574 (todos os negritos no conto de Borges são de nossa autoria).

¹⁸ Idem. Ibidem, p. 574.

Após leitura das reflexões de Quincey, o protagonista Runeberg (outra vez, o próprio Borges) vai dilatando as idéias daquele. Para ele em sua suposta obra *Kristus och Judas*, o ato de Judas poderia ser encarado como superficial e a traição de um apóstolo poderia ser dispensada, uma vez que Jesus era muito conhecido, mas não foi isto que ocorreu. O filósofo afirma que a traição de Judas não foi casual. Segundo ele:

Supor um erro na Escritura é intolerável: não menos intolerável é admitir um fato casual no mais **precioso acontecimento da história do mundo**. *Ergo*, a traição de Judas não foi casual; **foi um fato predeterminado** que tem seu lugar misterioso na economia da redenção... O Verbo, quando foi feito carne, passou da ubiqüidade ao espaço, da eternidade à história, da felicidade sem limites à mutação e à morte; **para corresponder a tal sacrifício, era necessário que um homem, em representação de todos os homens, fizesse um sacrifício condigno**. Judas Iscariotes foi esse homem. Judas, único entre os apóstolos, intuiu a secreta divindade e o terrível propósito de Jesus. O Verbo rebaixara-se a mortal; Judas, discípulo do Verbo, podia rebaixar-se a delator (o pior delito que a infâmia suporta) e a ser hóspede do fogo que não se apaga [...] Judas reflete, de **algum modo**, Jesus. Daí os trinta dinheiros e o beijo; daí a morte voluntária, para merecer mais a Reprovação.¹⁹

Se na primeira versão de Judas, Quincey/Borges o inocenta, na segunda versão, Runeberg/Borges o perdoa e o iguala ao Verbo, sendo Judas o reflexo de Jesus, ambos iguais, inocentes e necessários. O conto de Borges segue trazendo os nomes dos opositores das idéias de Runeberg. Sua versão deixa os teólogos enfurecidos. Parece que tudo isto mexeu muito com ele, que reescreveu parcialmente o seu livro e modificou sua doutrina. Então temos a terceira versão de Judas de Runeberg/Borges publicada no suposto Livro *Den Hemlige Frälsaren*, em 1909. Resumindo, na sua terceira versão de Judas, Runeberg/Borges esclarece que: 1) Jesus, sendo onisciente, não precisava de um homem para redimir todos os homens; 2) reafirma a importância de Judas, como um dos doze eleitos para anunciar o reino dos céus, para sanar enfermos, para limpar leprosos, para ressuscitar mortos e para expulsar demônios, ou seja, Judas foi escolhido por Jesus e merecia uma melhor interpretação dos seus atos; 3) nega que Judas tenha traído por cobiça, mas afirma que ele era um hiperbólico asceta, que para maior Glória de Deus, envileceu e mortificou sua carne e seu espírito. Nesta terceira versão, Runeberg/Borges afirma que Judas:

Renunciou à honra, ao bem, à paz, ao reino dos céus, como outros, menos hereticamente, ao prazer. **Premeditou com lucidez terrível suas culpas**. No adultério, costumam participar a ternura e a abnegação: no homicídio, a coragem; nas profanações e na blasfêmia, certo fulgor satânico. **Judas escolheu aquelas culpas não visitadas por nenhuma virtude: o abuso de confiança e a delação**. Agiu com gigantesca humildade, acreditou-se indigno de ser bom... Judas

¹⁹ Idem. Ibidem, p. 574.

procurou o Inferno, porque a felicidade, como o bem, é um atributo divino e que não devem usurpá-los os homens.²⁰

Para Borges, o segundo livro de Runeberg (*Den Hemlige Frälsaren*- 1909) não nega, nem refuta a sua primeira versão (*Kristus och Judas* – 1904), pelo contrário seu segundo texto exaspera o que havia sido dito no primeiro. Para Runeberg/Borges:

Deus se fez totalmente homem, porém homem até a infâmia, homem até a reprovação e o abismo. Para nos salvar, pôde escolher qualquer dos destinos que tramam a perplexa rede de histórias. Pôde ser Alexandre ou Pitágoras ou Rurik ou Jesus, **escolheu um ínfimo destino, foi Judas.**²¹

Borges termina seu conto informando que, mal compreendido por todos, o filósofo vagou pelas ruas, pedindo a graça de compartilhar com o Redentor o Inferno. Isto demonstra a sua loucura e a sua vertiginosa dialética. Borges, após livrar-se do filósofo, que não passa de *um ser de papel*, alerta para o triste destino daqueles que ousam olhar Deus frente a frente: Elias e Moisés cobrindo o rosto na montanha para não ver Deus; Isaías assustado com a Glória de Deus que enchia a terra; Saulo, cegado pelo esplendor divino, Runeberg/Borges louco de lucidez. Borges termina seu texto perguntando se não seria este o enigmático pecado contra o Espírito Santo.

O que Borges neste conto que confunde o leitor desavisado, e no qual as três versões de Judas na realidade são uma só - a versão magnífica de Jorge Luiz Borges - é que Judas, o suposto delator é, na verdade, o salvador da humanidade justamente por ter tornado possível a paixão de Cristo.

No Brasil, Paulo Coelho muito antes de seu astronômico e quase planetário sucesso com seus *best-sellers*, juntamente com Raul Seixas, um dos roqueiros mais queridos e geniais do rock brasileiro dos anos setenta, em parceria compuseram em 1978 a canção intitulada *Judas* (do LP *Mata Virgem*), na qual elegem o antagonista bíblico como motivo para uma composição. Nesta canção, o apóstolo Judas, confortavelmente instalado no céu, sentado à beira da piscina, se diverte em ver como as escrituras interpretaram seu ato. Portanto, há quase trinta anos, muito antes do polêmico surgimento do *Evangelho de Judas*, os dois compositores já tinham eleito este antagonista bíblico para uma canção intitulada *Judas*:

²⁰ Idem. Ibidem, p. 575.

²¹ Idem. Ibidem, p. 577.

Judas

Composição: Raul Seixas e Paulo Coelho

**Parte de um plano secreto
amigo fiel de Jesus
eu fui escolhido por ele
para pregá-lo na cruz**
Cristo morreu como um homem
um mártir da salvação
deixando para mim seu amigo
o sinal da traição

refrão

Mais é que lá em cima
lá na beira da piscina
olhando simples mortais
das alturas fazem escrituras
e não me perguntam se é pouco ou demais

**Se eu não tivesse traído
morreria cercado de luz
e o mundo hoje então não teria
a marca sagrada da cruz**
e para provar que me amava
pediu outro gesto de amor
pediu que o traísse com um beijo
que minha boca então marcou.²²

Raul Seixas e Paulo Coelho foram polêmicos ao compor esta canção/narrativa/libelo em defesa de Judas. Eles absolvem Judas e neste sentido sua canção é um resumo musical do Evangelho Segundo Judas e do conto Três versões de Judas de Borges. Para os compositores, tratava-se de um plano secreto e a traição foi uma prova de fidelidade uma vez que Jesus escolheu Judas para traí-lo. Aqui os compositores invertem completamente a história bíblica: o responsável pela traição é Jesus que escolheu Judas para realizar esta missão, uma que se não houvesse a traição, não haveria a cruz. Se a traição foi uma prova de fidelidade, o beijo foi a maior prova de amor que o Filho do Homem recebeu em sua breve vida.

No Brasil, Julio de Queiroz tem produzido na última década uma obra fecunda que dialoga constantemente com a Bíblia. Com formação em Teologia, pertencente à Congregação Beneditina do Brasil, graduado em Filosofia, pesquisador de fenomenologia da mística, mística medieval alemã, estudioso de tanatologia, é Membro da Academia Catarinense de Letras, da Academia Sul-Brasileira de Letras e da Academia Catarinense de

²² Do LP Mata Virgem, negrito nosso.

Filosofia. Autor de mais de 15 livros, entre contos, romance e poesia, suas obras tem como característica principal o intertexto fecundo com o texto bíblico. Citamos aqui alguns de seus contos mais conhecidos e, logicamente, os de nossa preferência: Fulgor da Noite do livro *Encontros de Abismos* publicado em 2002, no qual recria magnificamente a vida de Lázaro após a sua ressurreição: uma verdadeira maldição já que passa a viver como um morto-vivo que não encontra mais lugar no mundo dos vivos nem dos mortos; 2) do livro *Deuses e Santos como nós*, publicado em 2000, destacamos dois belos contos: *O irmão Mais Velho* e *O Punhal*. No primeiro conto o escritor concede voz ao irmão mais velho da Parábola do Filho Pródigo relatada nos *Evangelhos*, para que ele demonstre toda a sua dor e sua revolta pela predileção do Pai pelo filho mais jovem. No segundo conto, *O Punhal*, a saga de Abraão e seu filho Isaac é relida e, novamente, o punhal é levantado contra o peito do próprio filho, só que neste conto o Pai é apunhalado metaforicamente.

Nesta obra em diálogo constante com a Bíblia não poderia faltar uma recriação de Judas que está no conto O Acordo no livro ainda inédito *Perfume de Eternidade*.

(Des)culpar ou não Judas, eis a questão.! Analisemos a versão de Queiroz para os fatos. O autor tira a corda do pescoço do deicida/cristicida, pendurado numa velha árvore da Galiléia e permite que faça sua defesa.

Pelo título do conto já deduzimos que duas pessoas irão se encontrar para realizarem um acordo de cavalheiros. Queiroz concede a Judas o privilégio de ser protagonista e relatar tudo do seu ponto de vista. Judas, um pacato cidadão, é convidado para uma conversa com Deus. Desde o começo do conto, notamos que Judas é irônico, ao usar a palavra *convocação* e não convite, afinal o Deus do Velho Testamento nunca foi humilde o suficiente para convidar, ele convoca e pronto. O conto não tem floreios, nem circunlóquios, é direto e objetivo e Judas já no primeiro parágrafo informa que “Lealdade é a virtude que mais admiro”.

Em seguida algo surpreendente ocorre: Deus ri. Em primeira pessoa Judas reclama: *Não se ria*. Em sua obra de referência sobre o riso – *História do Riso e do Escárnio* – Georges Minois afirma que o riso não é natural no cristianismo, uma vez que o gênero do cristianismo por excelência é o drama. O riso estaria ligado ao ser humano, este fantoche ridículo e imperfeito, mas principalmente ao Diabo que é o pai do riso. Segundo autor, Deus não ri, Deus se basta e não gosta do riso de seus filhos, tanto que Ele fica surpreso quando

Sara, ao receber a notícia de que terá um filho ri. Segundo Minois, o cômico parece não fazer parte da literatura bíblica, no entanto, “é claro que há riso na Bíblia.”²³. Deus não gosta que riam Dele, mas há várias passagens bíblicas em que o riso é atribuído a Deus: “Tu Senhor, ris de todos eles, zombas de todas as nações”²⁴, “Ele zomba dos zombadores”²⁵ e Jó acusa Deus de rir dos íntegros “Da desgraça dos homens íntegros Ele escarnece”²⁶. Ou seja, Deus não gosta que riam Dele, mas o riso é atribuído a Ele. Os maus riem de Deus, Deus escarnece dos maus e, às vezes, até dos homens íntegros. O riso na Bíblia é o riso do triunfo dos vencedores sobre os vencidos. Parece que o riso é mais aceito no *Velho Testamento* do que no *Novo Testamento*, afinal Jesus nos *Evangelhos* nunca riu, mesmo sendo humano e podendo rir. O Apóstolo Paulo condena o riso em Efésios 5:4. O fato é que o Deus de Queiroz ri, ou seja, o riso fenômeno comumente atribuído ao Demônio, pai da mentira e do riso, aqui é deslocado para o personagem Deus.

O narrador Judas volta a reiterar sua ironia e logo após critica os métodos usados por Deus:

Se estou com medo? Não. Ainda não aprendi a temer o que não conheço. Depois, sei – não me pergunte de que modo o sei – que você tem sido sempre um perfeito cavalheiro em seus tratos. Você gosta de apostar, mas joga limpo. Para mim é importante o testemunho que dão de sua honradez.

Não sei se honradez seria o termo exato.

Suas estratégias, às vezes, são ousadas demais para serem classificadas como honradas. Arrojadas, isto elas são, sem sombra de dúvidas. Talvez eu devesse dizer intrépidas, até mesmo atrevidas.

O traidor do Filho do Homem admira a lealdade e Deus ri, que perfeita entrada para um conto. Judas é irônico: primeiro afirma que Deus joga limpo e que é honrado, depois faz uma análise mais acurada do passado de Deus e conclui que as atitudes dele são arrojadas, intrépidas e atrevidas. Desde o início do conto percebemos que neste encontro, só Judas, tão discreto e silencioso nos *Evangelhos* fala. Deus, cujos discursos no *Velho Testamento*, foram sempre acompanhados de muito barulho (trovões, fogo e glória), permanece em silêncio e tudo que o leitor saberá dele será filtrado pela interpretação de Judas.

²³ *História do Riso e do Escárnio*, p. 115.

²⁴ Salmos 59: 8.

²⁵ Provérbios 3:34.

²⁶ Jó 9:23

À medida em que vai enaltecendo as qualidades de Deus, Judas vai se descrevendo: “por que eu?... Não tenho habilidades assim tão especiais”. Mas se há algo que ele não abre mão é sua lealdade superior a todos os seus defeitos. No primeiro parágrafo do conto ele já havia mencionado que a atitude que ele mais admirava era a lealdade. Agora volta a insistir neste ponto:

Realmente, se há alguma **virtude** da qual eu me orgulhe de cultivar é a da **lealdade**. Assim como algumas pessoas são feias; outras, bonitas, sou leal.

Como acontece com essas pessoas, não devo isto a mim mesmo. Nasci assim. Talvez deva agradecer a meus ancestrais. Nunca me detive muito nesse aspecto das coisas. **Sou leal. E, por decorrência, – não é preciso ser um grande filósofo para fazer essa dedução – gosto da verdade. Mentira e lealdade não se combinam.**

A primeira grande virtude de Judas: lealdade e a segunda é não gostar de mentiras, afinal Deus não intimaria para um encontro e para propor um acordo uma pessoa em que ele não tivesse absoluta confiança e que não fosse completamente leal. Judas reconhece que não é tão sagaz quanto Deus. Ele começa a propor seu acordo e o homem leal ouve atentamente; revela que tem um plano que no futuro atingirá muita gente e que necessita do engajamento e cooperação irrestrita de todos os empenhados. Judas se impressiona e afirma que o projeto é um *tanto megalomaníaco*. Pela terceira vez diante da envergadura do projeto e da necessidade de que o escolhido seja leal, Judas reafirma esta sua virtude máxima:

Lealdade! Sim, posso ver que esta seja a qualidade mais essencial de quem participe de um empreendimento de tal monta. **Como lhe afirmei, sou leal e, uma vez convencido, entro de corpo inteiro.**

Judas se impressiona quando Deus revela que tem um filho e o projeto foi desenvolvido especialmente para ele e fica maravilhado ao pensar como Deus se preocupa, como qualquer pai, pelo futuro político, comercial de seu único filho. Ele pensa em projeto financeiro, com muita gente, divisão de lucros, herdeiros, e reconhece que Deus é generoso. Deus ri pela segunda vez ao que Judas repreende: *Não sorria*. Judas se sente honrado em participar deste grandioso projeto e que tenha sido escolhido. Deus fala em contrato já que se trata de um grande projeto dinâmico e mundial no qual seu filho será o chefe da equipe e Judas responde:

Haverá um contrato, diz você. Se achar que é necessário, firmaremos. **Sou homem de uma palavra só.** Caso eu me envolva com esse projeto, **entregar-me-ei a ele com todo empenho. E o cumprirei até o fim. É assim que sou.** Toda minha gente é assim. Mas sobre isto você já se deve ter informado.

Judas, honesto e leal cidadão, não tinha planos tão grandes assim para seu futuro: só queria casar e ter filhos. E por isto resolve adiar seus humildes planos em função deste megalomaníaco plano mundial que fora convocado a participar, e sobre o qual, apesar de impressionado, não sabe o que exatamente é. Deus continua detalhando seu plano e *o homem de uma palavra só* parece estar encantado com tudo:

Como mais que acompanhar? Envolver-me? Fazer-me seu amigo? Conviver, tomar juntos as refeições, estar sempre por perto dele? Para quê?

Então, se não for uma equipe coesa, é possível que o projeto fracasse? Não? Melhor assim! Não acredito em equipes muito grandes. Entre nós, diz-se que em todo grupo muito grande pode se contar que muitos deixarão poucos trabalharem e **sempre haver alguém que trairá.**

Por que você sorriu?

Pela terceira vez Deus sorri e pela terceira vez Judas constata isto. Deus ri, Judas se surpreende e o leitor se assusta. Deus detalha tudo o que Judas deve fazer e este, novamente, reafirma sua lealdade:

Quando há **lealdade** entre os membros de uma equipe, é natural que uns levem um pouco da carga de outros. Chamo a isto de cooperação leal. Ser **leal** ao grupo implica em ser **leal** a cada um dos que fazem parte dele.

Mas o que espera que eu faça?

Judas continua insistentemente a reafirmar sua lealdade. Quando Deus expõe o seu projeto e a função de Judas nele, o homem leal e de uma única palavra se apavora:

O quê? Você deve estar louco! Ou, pior ainda, pondo minha **lealdade** à prova!

Digamos que eu venha a conviver com esse seu filho. Venha a admirar sua atuação. Que essa admiração, com o tempo, cresça e se transforme em amizade profunda, depois, em amor fraternal. Sou de uma gente **leal**, pergunte a quem quiser! Como é que, então, poderei fazer isto que você considera o ponto essencial de minha colaboração nesse **projeto destrambelhado!** Se eu fizer o que você me propõe, como, depois, poderei olhar para mim mesmo, para meus filhos, para os filhos de meus filhos? **Que nome deixarei por todas as gerações quando souberem o que eu tenha feito?**

Em todas as cinco páginas do conto Judas usa o adjetivo *leal* e *lealdade* quatorze vezes. O autor usa abundantemente o adjetivo *leal* justamente para frisar esta virtude de Judas e deixar isto marcado para o leitor. Destas quatorze vezes, três vezes Judas afirma *sou*

leal. Deus sorri três vezes. Judas que já tinha caracterizado Deus como arrojado, intrépido e atrevido e considerado o projeto digno de um megalomaníaco, agora pensa em qual nome legará para o futuro e não quer saber nem os detalhes do projeto. Não quer escutar mais nada: “Nego-me a escutar tais sandices! Ou você está me pondo **à prova ou é um megalomaníaco perigoso e deveria estar num manicômio.**” Pela segunda vez ele chama Deus de megalomaníaco e o Deus de Queiroz é um Deus que prova Judas, que exige dele a maior prova de lealdade de todos os tempos: trair o filho de Deus, ser cristicida. Judas, assustado dá poucos minutos para que Deus encerre suas elucubrações enlouquecidas e o conto vai atingido o clímax de maneira magnífica, a qual só é permitida aos grandes escritores:

Que terrível! Por que você me incluiu nisto?

Está bem. Não importa o que o resto da humanidade pense de mim. Buscarei ocasião para contar aos companheiros da equipe o que você e eu combinamos.

Como? Segredo para sempre?

Pelo menos que eu possa dar a entender que, **leal a mim mesmo**, mudei de opinião a respeito de seu filho.

O quê? Nem isto? Por dinheiro?

Então, você quer que eu traia seu filho por dinheiro? Que, numa noite, já amigos, ceemos juntos? E, depois, na escuridão de sua angústia, com um beijo no rosto, o entregue para que o matem?

Pelo bem de muitos? Por todo o sempre?

Ele não tem saída, acuado responde: “Comprometo-me. Com uma condição: o que eu fizer depois é decisão minha.”

A subversão do texto primeiro ocorre, já que nos pergaminhos de Queiroz, temos que desconfiar de tudo, pois nada do que parece é. Neste conto é Deus quem, sem piedade, predestina Judas e não o predestina a ser o traidor dos *Evangelhos*, mas o predestina a ser leal, e pior, a guardar sigilo absoluto. Judas concorda desde que, a partir da sua prova de lealdade, ela possa exercer seu livre arbítrio. E o único ato exercido pelo seu livre arbítrio e sobre o qual Deus não tem poder – é seu suicídio. Seu suicídio neste conto não é uma maldição, pelo contrário é sua redenção. Se é comum a crença de alguns evangelistas, como vimos no início deste artigo de que Satanás tentou Judas para que ele traísse Jesus, aqui neste conto tanto Judas como o próprio Satanás são completamente absolvidos, já que é Deus

quem convoca Judas, quem o predestina, quem arquiteta tudo. Nogueira em *O Diabo no imaginário cristão* afirma que “Satã é o inimigo implacável de Jesus [...]”²⁷, mas aqui neste conto tudo se inverte: o grande adversário implacável de Jesus é Deus. Se referindo ao Deus das *Sagradas Escrituras* Jack Milles enuncia em *Deus - uma Biografia*: “é estranho dizer isso, mas Deus não é nenhum santo”²⁸. Que podemos dizer então do Deus arquitetado por Queiroz?

Milles também afirma que, de Deus, não se pode escrever uma biografia, mas uma teografia, que o autor define como o movimento do discurso em direção ao silêncio. É isto que Queiroz escreve: um discurso em direção ao silêncio. Judas fala e Deus só é encontrado no não dito, no silêncio absoluto. Waldecy Tenório em brilhante análise de *Grande Sertão: Veredas*²⁹, afirma que o interlocutor para qual Riobaldo se dirige não é o Diabo e sim Deus, porque segundo ele, muito mais do que o Diabo é Deus quem é o mestre dos disfarces, aparece e desaparece, *Deus absconditus*. Deus está escondido neste conto e, no entanto, é ele quem é julgado, muito mais do que Judas. É Deus que, em seu silêncio absoluto, está sendo julgado pelo autor e pelo leitor. Aqui Deus é construído pela linguagem do silêncio.

Rindo três vezes no conto, Deus demonstra seu orgulho e presunção e vai além de todos os limites ao propor um acordo com Judas. Harold Bloom em *Jesus e Javé – os nomes divinos* afirma que “Javé continua sendo o maior personagem literário, espiritual e ideológico do Ocidente”³⁰ e que, nem mesmo Shakespeare, conseguiu criar um personagem cuja personalidade é tão rica em contradições. Para Bloom decifrar e compreender Javé é impossível. Mas Queiroz tenta e consegue chegar no limiar do maior de todos os mistérios – Deus e ainda tenta decifrar o enigma chamado Judas.

Em nota explicativa e introdutória da novela *Judas Iscariotes* do escritor russo Leonid Andreiev, Aristides Ávila faz uma síntese daquilo que ele denomina de *estranya e indecifrada figura de Judas*:

Aquele vulto sombrio, que manchou a página mais triste da história dos homens, percorreu vinte séculos a desafiar quem o compreendesse, **como esfinge pejada de mistérios**. Mal conhecida sua origem, mal definida a sua personalidade, mas

²⁷ Carlos Roberto Nogueira. *O Diabo no Imaginário cristão*, p. 25.

²⁸ *Deus - Uma biografia*, p. 17.

²⁹ Consultar o artigo [A confissão geral de Riobaldo](#) publicado nos *Anais do II Simpósio Internacional sobre Religiões, Religiosidades e Culturas/ II Simpósio de Teopoética*, 23 a 26 de Abril de 2006, em Dourados, UFGD, UFMS.

³⁰ Harold Bloom. *Jesus e Javé – os nomes divinos*, p. 21.

justificada a sua existência, continuou, depois do suicídio, como antes dele, a suscitar dúvidas e viver de hipóteses.³¹

Judas, magnífico personagem bíblico se abre à interpretação dos ficcionistas como Borges, Andreiev e tantos outros. Queiroz consegue decifrar finalmente, *não a esfinge pejada de mistérios*, mas um Judas sendo tentado no deserto de sua vida. Um Judas só. Um Judas leal. Um Judas primordial. Um Judas sem o qual não haveria crucifixão. Um Judas sem o qual não haveria cristianismo. Um Judas, necessário, tal como Jesus. Um Judas sendo sacrificado por Deus, tal como Jesus. Judas e Jesus, ambos inocentes, ambos heróis, ambos instrumentos de Deus em seus imperscrutáveis desígnios.

O livro *Sentenças de Sexto*, uma obra pagã provavelmente do segundo século traz o seguinte pensamento:

Depois de Deus, nada é mais livre que um homem sábio.
Tudo o que Deus possui pertence também ao sábio.
Um homem sábio compartilha o reino de Deus.

Vamos mais longe e afirmamos que homens sábios, livres por vocação, ousam por meio da literatura questionar o reino de Deus, porque talvez, o único reino que os sábios conhecem seja o reino das palavras, o reino da poesia. Eis aqui o propósito da escritura de Julio de Queiroz, nada mais, nada menos.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA REVISTA E ATUALIZADA. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

ANDREIEV, Leonid. Trad. Henrique Alves. *Judas Iscariotes*. São Paulo: Clube do Livro, 1984.

BLOOM, Harold. *Jesus e Javé – Os nomes divinos*. Trad. José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro; Objetiva, 2006.

BORGES, Jorge Luis. *Três versões de Judas*. In: Obras Completas I. São Paulo: Globo, 2000.

CHINELLI, Ana Paula & MARIZ, Fabiana. O Evangelho Segundo Judas. In: *Super Interessante*. São Paulo: Abril, Ed. 226, Maio de 2006.

CHAVE BÍBLICA. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.

³¹ Judas Iscariotes de Leonid Andreiev, p.7.

COSTA, Walter Carlos. Org. *Jorge Luiz Borges*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006, Números 28/29.

CRESPY, G. *Essais sur la situation actuelle de la foi, Paris, Cerf, 1970.*

DEBRAY, Régis. *Deus, um Itinerário*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KASSER, Rodolphe, MEYER, Marvin & WURST, Gregor (Editores). *The Gospel of Judas*. Estados Unidos: National Geographic Books, 2006.

MAGALHAES, Antonio. *Deus no Espelho das Palavras*. São Paulo: Paulinas, 2000.

MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura*. São Paulo: Loyola, 1994.

MILES, Jack. *Deus uma Biografia*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MINOS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*. Trad. Maria Helena Ortiz Assumpção. São Paulo: Unesp, 2003.

NOGUEIRA, Carlos. *O Diabo no imaginário cristão*. Bauru: Edusc, 2000.

NOGUEIRA, Pablo. O Outro Judas. In: *Galileu*. São Paulo: Globo, Maio de 2006.

QUEIROZ, Julio de. *O Acordo*. In: *Perfume de Eternidade*. Florianópolis (no prelo).

QUEIROZ, Julio de. *Encontro de Culpas*. In: *Perfume de Eternidade*. Florianópolis (no prelo).

ROBINSON, James. *A Biblioteca de Nag Hammadi*. São Paulo: Madras, 2006.

PADILHA, Ivan & CAVALLARI, Marcelo Musa. O Evangelho Segundo Judas. In: *Época*, Fevereiro de 2006.

PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos Gnósticos*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SEIXAS, Raul & COELHO, Paulo. Judas. IN: *Mata Virgem*, 1978.

SILVA, Deonísio. O Evangelho da Mídia – Judas chegou antes da Páscoa In: *Jornal Observatório da Imprensa*, Ano 11, n. 376, Julho de 2006.

SKINER, Quentin. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. Trad. Alessandro Zir. São Leopoldo: Unisinos, 2002.